

## PAISAGEM HISTÓRICA DE TABATINGA (AM) NO SÉCULO XIX

### PAISAJE HISTÓRICO DE TABATINGA (AM) EN EL SIGLO XIX

Jonas Dias De Souza<sup>1</sup>

**Resumo:** considerando a dimensão material da paisagem, o presente trabalho recupera a paisagem histórica do município de Tabatinga, estado do Amazonas, como apresentado durante o século XIX. A partir da revisão bibliográfica dos relatos de viajantes que passaram pela região e de obras que descrevem a cidade no período, o trabalho resgata e analisa a paisagem de Tabatinga através da sistematização da iconografia e da descrição presente nas obras. Os resultados mostram que o Forte de São Francisco Xavier de Tabatinga era o objeto de destaque na paisagem local, sendo acompanhada pelo quartel da comandância e dos soldados, por uma pequena igreja e por armazéns de comércio. O trabalho conclui, enfim, pela necessidade de resgate desta paisagem histórica para políticas de valorização, preservação e proteção da paisagem atual da cidade.

**Palavras-chave:** Tabatinga; paisagem histórica; Amazônia.

**Resumen:** Considerando una dimensión material del paisaje, este trabajo recupera un paisaje histórico del municipio de Tabatinga, en el estado Amazonas, como fue representado durante el siglo XIX. A partir de la revisión bibliográfica dos relatos de viajeros que pasaron por la región y de las obras que describen una ciudad sin periodo, este trabajo reconstruye el paisaje de Tabatinga a través de la sistematización de la iconografía y la descripción de las obras mencionadas. Los resultados muestran que el Fuerte de São Francisco Xavier de Tabatinga era protagónico en el paisaje local, junto con el cuartel de comandantes y soldados, una pequeña iglesia y almacenes comerciales. El trabajo concluye resaltando la necesidad de recuperar este paisaje histórico para políticas de valorización, preservación y protección del paisaje actual de la ciudad.

**Palabras-clave:** Tabatinga; paisaje histórico, Amazonas

### Introdução

Este trabalho procura resgatar a paisagem histórica do município de Tabatinga no século XIX. Tabatinga está localizada a oeste do estado do Amazonas, na fronteira entre Brasil, Colômbia e Peru (figura 1), e a formação de sua paisagem relaciona-se aos diferentes momentos de conquista, ocupação e desenvolvimento que a região amazônica como um todo conheceu.

Sobre Tabatinga especificamente, sua origem está ligada as primeiras ocupações portuguesas na calha do rio Solimões ainda nos séculos XVII e XVIII, quando Portugal avançava sobre os domínios espanhóis traçados no Tratado de Tordesilhas. Com o tempo, a consolidação do controle português sobre a região, a definição dos limites fronteiriços, o desenvolvimento da circulação e

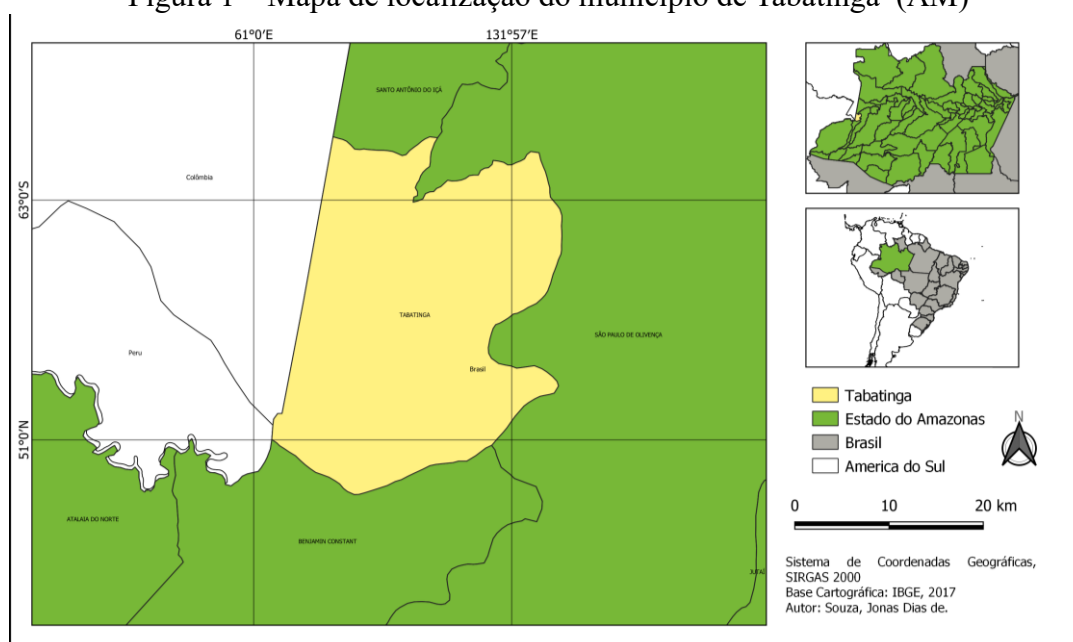
---

<sup>1</sup> Professor do Curso de Geografia em Tabatinga. Universidade do Estado do Amazonas. [jdsgeo10@yahoo.com](mailto:jdsgeo10@yahoo.com)

trocas econômicas na área, bem como a atuação de missionários e religiosos provocaram a transformação do ambiente e a construção de objetos geográficos que conformaram a paisagem de Tabatinga.

Embora muito desta paisagem passada tenha desaparecido, seja pela ação das forças naturais locais, seja pela despreocupação em sua preservação, podemos reconstituí-la através de documentos iconográficos e escritos que registraram seus aspectos gerais em dado momento. Para a Amazônia e, conseqüentemente, também para Tabatinga, conjunto importante destes documentos constitui-se nos relatórios, relatos, diários, narrativas e corografias escritas por autoridades públicas, exploradores e viajantes que passaram pela região e anotaram suas impressões sobre o local.

Figura 1 – Mapa de localização do município de Tabatinga (AM)



Fonte: autor, 2021

Assim, com o objetivo de recuperar e caracterizar a paisagem de Tabatinga no século XIX, o presente trabalho usa como fonte principal de informações as descrições sobre Tabatinga que acompanham os relatos e narrativas dos viajantes que estiveram no local durante os anos de 1800. São, no total, 10 obras revisadas: I) o relato da expedição de Martius e Spix, *Viagem pelo Brasil: 1871-1820*, publicada entre 1823 a 1831; II) a narrativa do tenente da marinha britânica Henrique Lister Naw, *Narrativa da passagem do pacífico ao Atlântico através dos Andes nas províncias do norte do Peru, e descendo pelo rio Amazonas até o Pará*, publicado em 1831; III) os relatos da expedição de Francis de Castelnau, *Expédition des les Parties Centrales de l'Amérique du Sud, de Rio de Janeiro a Lima, et de Lima au Para*, de 1851; IV) o relatório dos trabalhos do tenente da marinha americana Lewis Herdon, *Exploracion del Valle del Amazonas* de 1853; V) o relato da

viagem de Robert Avé-Lallemant, *No rio Amazonas*, de 1859; VI) o diário da exploração científica escrito pelo casal Jean Louis Rodolph Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz, *Viagem ao Brasil 1865 – 1866*, edição de em 1869; VII) a narrativa de exploração de Paul Marcoy, *Viagem pelo rio Amazonas*, de 1862; VIII) a obra de Albert Frisch, de 1869, *Resultat d'une expédition photographique sur le Solimões ou Alto Amazonas et Rio Negro*; IX) o trabalho de James Orton, *The Andes and the Amazon: or across the continent of South America*, de 1870; X) e o diário de viagem de Marcel Monnier, *De los Andes hasta Pará*, de 1890.

Ao relato dos viajantes, acrescentamos também o trabalho escrito por António Ladislau Monteiro Baena, *Ensaio Corográfico sobre a Província do Pará*, de 1839, o trabalho de Lourenço da Silva Araújo e Amazonas, *Dicionário topográfico, histórico, descritivo da comarca do Alto Amazonas*, de 1852 e o livro de Aureliano Cândido Tavares Bastos, *O vale do Amazonas*, de 1866. Por fim, juntou-se ainda iconografia presente na Polianteia do ano de 1949, publicação comemorativa das Bodas de Ouro Sacerdotais do Revmo. Pe. Frei de Gualdo Tadino.

A propósito dos viajantes, cabe ainda uma breve ponderação sobre o olhar que lançavam sobre a paisagem de Tabatinga, pois o ato de ver, de olhar a paisagem traduz uma forma de pensar e perceber o mundo (BERQUE, 2013). Quer dizer, a percepção, o olhar de quem vê a paisagem é seletiva, discriminadora, descrevendo certos objetos a outros, registrando certas formas e excluindo outras de acordo com os valores, ideais e cultura do tempo em que vivem. “Se a realidade é apenas uma, cada pessoa a vê de forma diferenciada”, assevera Milton Santos (2004, p. 62), “dessa forma, a visão pelo homem das coisas materiais é sempre deformada”.

Assim é o relato dos viajantes que passaram em Tabatinga no século XIX: as imagens que gravam do lugar, seja nas descrições ou nas iconografias, carregam os conceitos e preconceitos da sociedade da época, uma sociedade pautada nos avanços da ciência e na crença da dominação do homem sobre a natureza. Segundo Hideraldo Costa (2013) a narrativa dos viajantes do século XIX é, muitas vezes, a narrativa de uma viagem destinada a observações científicas, classificações, sistematizações. Citando João Pacheco de Oliveira Filho, afirma mais a frente o autor:

O que vale ressaltar, contudo, é que se os viajantes naturalistas diferem quanto ao tipo de expedição – comissão científica ou particular –, no que tange ao tipo de formação acadêmica, todos parecem ser portadores de um capital intelectual similar. Treinados para lerem a realidade quase que da mesma forma, esses cientistas [...] evidenciam forte similaridade no que diz respeito às teorias e ideologias pelas quais interpretam as realidades observadas, bem como pela perspectiva metodológica e epistemológica que orienta a formação de seus discursos (COSTA, 2013, p. 37. Grifos no original).

Como fundamento teórico, iremos considerar a paisagem na sua dimensão concreta, física, entendida como “uma realidade objetiva, material, produzida pelos homens” (BESSE, 2014, p. 30).

Nesse sentido, entenderemos a paisagem nas suas formas, nos objetos geográficos, nas obras fabricadas pelo trabalho humano sobre a superfície terrestre, “o conjunto de objetos reais concretos” erguidos pelo homem (SANTOS, 2004, p. 103). Consideraremos a paisagem, igualmente, em função dos valores culturais, econômicos, de necessidades políticas e espirituais que guiaram sua produção, na direção do que afirma Jean-Marc Besse (2014, p. 32) quando diz que “toda paisagem, de um modo que lhe é próprio, é relativa a um projeto social, mesmo que este projeto não seja ‘consciente’, mesmo se for a tradução inconsciente da organização de uma vida social”.

### **O Forte São Francisco Xavier de Tabatinga**

No século XIX, o grande destaque na paisagem de Tabatinga era, sem dúvidas, o Forte de São Francisco Xavier de Tabatinga. Outras construções aparecem também nos relatos e registros, mas o Forte ganha destaque e é descrito por praticamente todos os viajantes que passaram pelo local, embora o edifício se apresentasse em estado precário.

O Forte de São Francisco Xavier de Tabatinga foi erguido ainda no século XVIII, mas não existe acordo de sobre o ano de sua construção: Cláudio Moreira Bento (2013) diz que a construção foi no ano de 1769, enquanto Graciete Guerra Costa (2015) obtêm, em pesquisa de campo, o ano de 1766, embora esta autora aponte também o ano de 1768; Francisco Jorge dos Santos (2012) fala que a fortaleza foi levantada em 1770.

Seja como for, a construção do Forte deu-se no processo de expansão da colonização portuguesa sobre as terras que pertenciam formalmente a coroa espanhola. Penetrando pela calha do rio Solimões, Tabatinga foi o local mais a montante do rio onde Portugal firmou posse. Situada na confluência dos rios Javari e Marañon<sup>2</sup>, o local era ponto estratégico no controle e fiscalização das embarcações provenientes dos territórios de colonização espanhola. Anteriormente, os portugueses haviam estabelecido uma primeira guarnição militar na Ilha Yauareté ou Ilha da Ronda, como também era conhecida. A Ilha foi, contudo, abandonada devido a localização desvantajosa. Paul Marcoy relata que:

Apesar do aspecto aguerrido, o lugar era inútil para controlar os filibusteiros, saqueadores e contrabandistas do Peru, que continuavam suas incursões em território brasileiro. Como no tempo em que a Ilha da Ronda era guarnecida, eles podiam tranquilamente ignorá-la bem como aos decretos e ordenações brasileiras, bastando para isso acompanhar a margem esquerda do rio, onde não os alcançavam nem os gritos nem as balas das sentinelas (MARCOY, 2006, p. 55).

Localizada em posição mais estratégica, a ocupação em Tabatinga, segundo Baena (2004, p. 339) tinha por objetivo “ver e registrar as canoas que vogassem para a povoação castelhana de Nossa

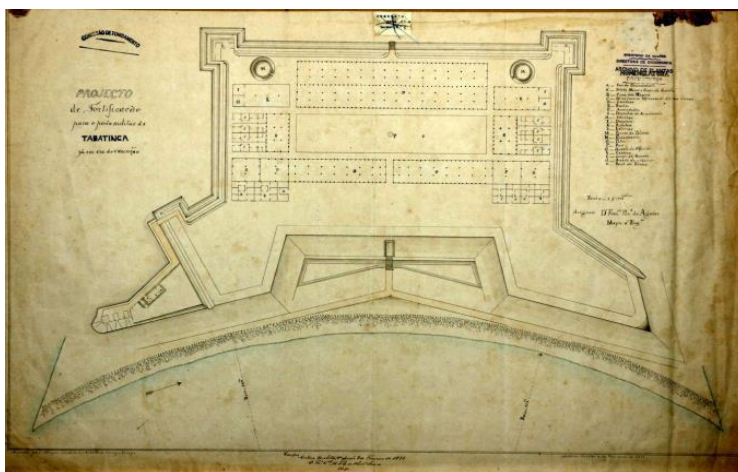
<sup>2</sup> Denominação espanhola do rio Amazonas/Solimões em território peruano.

Senhora do Loreto, ou outras do mesmo governo subalterno de Mainas e do geral de Quito”, já que era ineficiente o controle pela Ilha de Yauareté (ou Iha da Ronda) e pelo próprio registro de São José do Javari.

O estabelecimento de Tabatinga marcou os limites entre o território colonial português e espanhol e, concomitante, definiu a área como espaço de fronteira no sentido de controle e defesa das terras da colônia (STEIMAN, 2002; ZARATE, 2008). Premido pelos Tratados de Madri, de 1750, e de Santo Idelfonso, de 1777, Portugal constrói então o Forte de São Francisco Xavier de Tabatinga como símbolo material de posse e domínio do território, o Forte materializando na paisagem a presença portuguesa no controle da circulação pelo rio Solimões/Amazonas.

Foi Graciete Guerra da Costa (2015) quem recuperou no Arquivo Histórico do Exército, no Rio de Janeiro, os projetos de construção do Forte de São Francisco Xavier de Tabatinga, apesar de não ser possível determinar a data dos projetos pelas informações trazidas pela autora. Na imagem abaixo (figura 2), pode-se observar a planta do Forte de Tabatinga, localizada à beira do rio.

Figura 2 – Planta do Forte de Tabatinga, Estado do Amazonas.



Fonte: COSTA, 2015.

Baena (2004, p. 340), em 1839, descreve o Forte como um “hexágono irregular de madeira grossa de 7 palmos de projeção vertical, e destituído de reparo interno, de paliada, e de esplanada: servem de fosso de uma parte do rio (...)”.

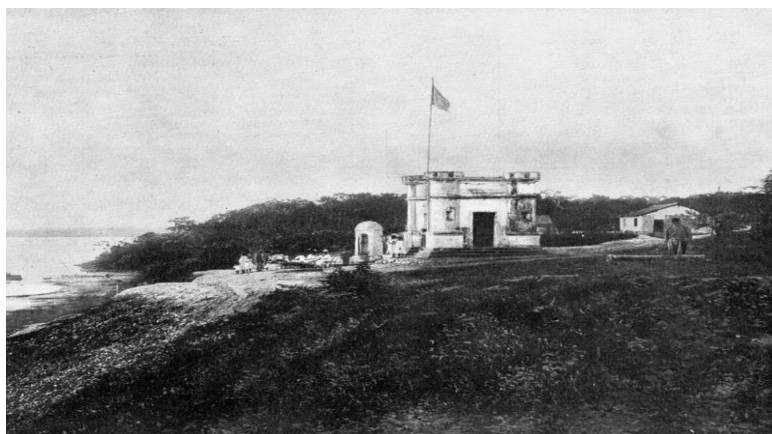
Os viajantes anotaram, entretanto, o mau estado que se encontrava o Forte. Quando passaram por Tabatinga em 1820, Spix e Martius observaram que “o forte, com alguns canhões enferrujados, está em muito mau estado” (1981, p. 198), enquanto Castelnau, nos anos de 1840, foi taxativo ao dizer que não havia, estritamente falando, um Forte, “mas duas belas peças de canhão de bronze e de origem portuguesa são colocados em bateria sobre o rio” (1851, p. 44). Também não foi sem certa ironia que o casal Agassiz, quase cinquenta anos mais tarde, não achou nada formidável a fortificação.

Tabatinga é uma vila da fronteira, entre o Brasil e o Peru. Deve a essa circunstância a honra de ser um posto militar; mas quando se olha para os dois ou três pequenos canhões em bateria sobre o rio, a casa de taipa que constitui o posto e os cinco ou seis soldados preguiçosamente deitados à sua sombra, tem-se bem o direito de não considerar a fortificação como formidável (AGASSIZ, 2000, p. 208-209).

Monnier confirma, enfim, todas as impressões que o forte imprimiu nos viajantes: “por lo demás, una fortaleza, en el sentido preciso de la palabra, no tiene aquí razón de ser” (MONNIER, 2013, p. 7)

Uma imagem datada de 1924 nos dá uma ideia de como era o Forte a época, no século XIX (figura 3): bem próximo a margem do rio, quase a beira do barranco, o Forte tinha pequenas dimensões e possuía um formato quadrangular, com quatro torres de vigia nos vértices. Do lado de fora repousava um canhão junto ao chão e, mais ao fundo, ficavam duas casas que margeavam os limites da floresta. Infelizmente o Forte foi destruído pela erosão provocada pelo rio Solimões, fenômeno conhecido localmente como terras caídas.

Figura 3: Posto da tríplice fronteira de Tabatinga: Brasil, Colômbia e Peru, 1924.

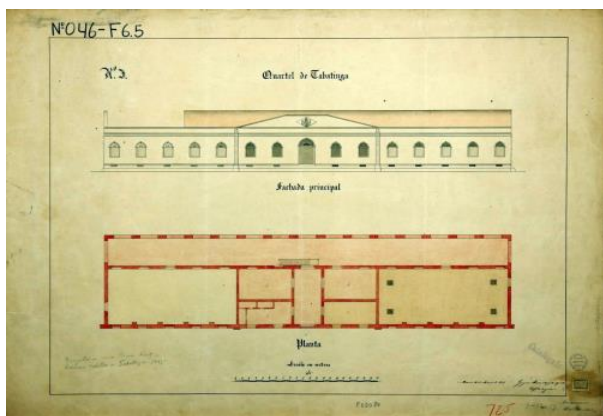


Fonte: COSTA, 2015, p. 98.

Nas descrições do século XIX, além do Forte, aparecem registrados também o quartel dos soldados e do comandante, os quais, contudo, foram igualmente destruídos pela erosão provocada pelo rio. Nas figuras 4 e 5 abaixo, a planta da fachada principal do quartel de Tabatinga (à esquerda) e suas ruínas (à direita) tomada pelo mato, são um dos poucos registros existentes das construções.

Figura 4 – Fachada principal do Quartel de Tabatinga, Estado do Amazonas.

Figura 5 – Ruínas do Quartel de Tabatinga.



Fonte: COSTA, 2015.



Fonte: Polianteia, 1949, p. 41

Estas construções militares em Tabatinga eram formas e objetos geográficos que davam “ao modesto cenário um toque marcial e militar” consoante Paul Marcoy (2006, p. XX), cumprindo a função simbólica (mais do que efetiva) de defesa e controle do território na fronteira.

### **Paisagem na fronteira de integração econômica e cultural**

No século XIX, algumas centenas de pessoas davam vida a paisagem de Tabatinga (figura 6), a população sendo constituída por indígenas, portugueses, brasileiros e estrangeiros que realizavam as atividades militares ou aquelas ligadas à agricultura, ao comércio, ou às atividades religiosas. Acompanhavam o Forte e o quartel, então, outras formas e objetos paisagísticos que davam suporte as ações diárias, como casas e cabanas, uma igreja e alguns edifícios de comércio (em ruínas).

Figura 6 – Tabela da população de Tabatinga entre os anos de 1825 a 1866.

<b>ANO</b>	<b>População</b>	<b>Habitações</b>	<b>Fonte</b>
1825	-----	336 vizinhos	BAENA (2004)
1839	92 (1 homem branco, 1 maluco, 3 mamelucos, 45 índios, 42 índias)		BAENA (2004)
1846	100 (53 homens, 47 mulheres livres, 2 mulheres escravas)		CASTELNAU (1851)
1852	193	20 fogos	AMAZONAS (1984)
1853	200 (aproximadamente)		HERDON (1991)
1866	624		BASTOS (2000)

Organizado pelo autor, 2018.

Por um lado, a população que habitava o povoado de São Francisco Xavier de Tabatinga conformou uma paisagem vinculada as atividades econômica de transporte, armazenamento e



comércio de mercadorias que circulavam pelo local. Localizada nos limites dos territórios coloniais de Portugal e Espanha, Tabatinga qualificava-se igualmente como fronteira de integração econômica, de circulação e trocas comerciais (STEIMAN, 2002; ZARATE, 2008), materializando na paisagem construções que davam suporte às atividades de comércio.

A integração da fronteira econômica era denunciada por Henrique Lister Naw, por exemplo, enquanto esperava a chegada do comandante de fronteira, vindo do Pará, e encontra “uma grande canoa, que tinha vindo pelo Ucayali com salsaparrilha pertencente ao Intendente de Moyabamba” (NAW, 1989, p. 152). Avé-Lallemant, por seu turno, flagra um “singular movimento comercial em Tabatinga” ao testemunhar o embarque e desembarque de mercadorias feitas “por um grupo, de aspecto esquisito, de 30 a 40 homens” que iam e vinham em direção a 10 ou 12 “canoas grandes ou igaratés”. O mesmo viajante reuni-se também, assim que chega a localidade, com 16 pessoas, entre elas, peruanos, franceses, um húngaro, um alemão, dedicados, entre outras coisas, a exportação proibida de salsaparrilha (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p. 179-180). Em nota de rodapé, o casal Agassiz registra igualmente que, em Tabatinga, os pacotes do Brasil e Peru encontravam-se “e uns com os outros trocam seus carregamentos” (AGASSIZ, 2000, p. 208).

Uma cena interessante, testemunhada por Avé-Lallemant, nos dá noção dessa movimentação econômica observada também pelos outros viajantes. As margens do rio, Lallemant escreve:

Assim que o vapor encosta, os peruanos vão imediatamente para bordo, para ver quem chega e o que traz (...). Procede-se ao mesmo tempo à carga e à descarga; os fardos de tecidos ingleses dão lugar aos pacotes de chapéus-do-chile, e os rolos de salsaparrilha substituem os barris de vinho. Fala-se espanhol, português, inglês, francês e até alemão, embora não se reúnam mais de 20 negociantes (...). (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p. 184).

Pelo menos um ou dois armazéns e casas foram erguidos em Tabatinga para dar suporte à circulação de mercadorias. Spix e Martius veem “ruínas de um belo edifício, construído pela Companhia de Comércio do Grão-Pará e Maranhão, fundada no tempo de Pombal, para sua filial” (SPIX, 1981, p. 198), provavelmente o mesmo edifício descrito por Baena no seu *Ensaio Corográfico* de 1839: “[ao lado direito do quartel jazem] os restos de uma casa e armazéns erguidos pela Companhia de Comércio a fim de tecer por este interposto estabelecimento os tratos e contratações tanto com os habitantes do Alto Amazonas, como com os hispano-americanos” (BAENA, 2004, p. 339). Por seu turno, Avé-Lallemant visita um armazém que “era um celeiro bastante grande, em volta do qual estavam arrumados os fardos de mercadoria” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p. 180), cujo movimento de entradas e saídas fazia-o lembrar Kiachta, cidade comercial na Sibéria, e levava-o a comparar Tabatinga com a também cidade comercial chinesa de Maimatshcin.



Por outro lado, além das formas relacionados as atividades econômicas, a paisagem era composta igualmente por uma pequena igreja que remetia ao contato e aculturação da população indígena local.

A origem presença de missionários em todo Alto Solimões coaduna com os propósitos militares de conquista e defesa do território colonial português frente a expansão espanhola para a mesma região (MOREIRA NETO, 1992). Segundo Lorenço da Silva Araújo Amazonas:

a religião foi tudo no começo do Alto Amazonas, e o devera ser em seu engrandecimento e duração, por falta de cuja convicção, abandonado o culto, retirados os seus Ministros, reduziram-se as povoações, dispersou-se o povo, e o Alto-Amazonas quase se tornou a antiga floresta: e se algumas choças ainda restaram foram sem dúvida em torno de uma cruz carcomida, mediante os esforços de um zeloso Sacerdote (AMAZONAS, 1984, p. 27).

As primeiras missões na região do Alto Solimões estiveram a cabo de franciscanos e jesuítas, portugueses e espanhóis, e ocorreram durante os séculos XVII e XVIII. O nome do jesuíta espanhol padre Samuel Fritz deve, aqui, ser lembrado pela fundação de inúmeros aldeamentos ao longo do Solimões, origem de muitas cidade atuais (MOREIRA NETO, 1992; FERRARINI, 2013).

Porém, expulsos os jesuítas castelhanos do Alto Solimões após reação do governo colonial, a coroa portuguesa incumbiu os carmelitas de assumirem as missões na região e resolverem o problema de abandono dos aldeamentos e conflitos com os espanhóis (MOREIRA NETO, 1992).

Os viajantes registram constantemente a presença de uma igreja ou capela em Tabatinga, apesar da casa do comandante, por vezes, servir de abrigo ao altar da matriz. Baena, Lister Naw, Castelnau, Avé-Lallemant anotam a existência da igreja, de fato, mas Ferrarini, ao recuperar os livros e atas paroquiais, chama a atenção para o registro de que as imagens e o altar, muitas vezes, estavam recolhidas “numa das salas da comandância” já que a igreja havia desabado (FERRARINI, 2013, p. 108). Na gravura de Spix e Martius (1990) (figura 7), é possível observar uma cruz que repousa solitária no alto de uma construção, demarcando a presença da igreja a vista dos que chegavam ou dos que ali habitavam. Considerando as observações de Ferrarini, esta igreja tanto pode ser o edifício coberto de palha anotado por Baena (2004), ou a “igreja de barro, excessivamente pequena” descrito por Avé-Lallemant (1980).

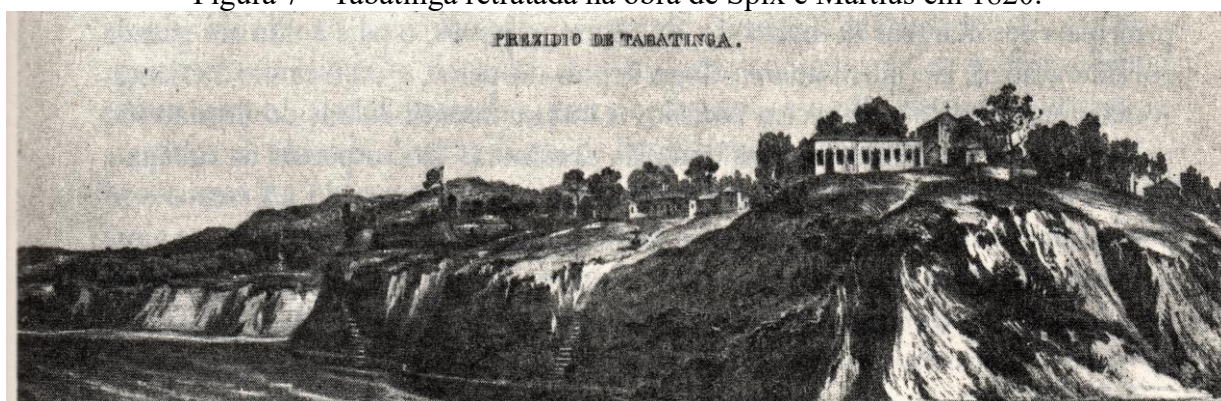
### **Aspectos gerais da paisagem do povoado de São Francisco Xavier de Tabatinga**

Três ou quatro figuras nos ajudam a ter uma ideia geral dos objetos e formas que compunham paisagem de Tabatinga no século XIX. A figura 7, mais antiga, é registrada pelos viajantes e

naturalistas Spix e Matius, os quais passaram pelo local em 1820: nela é possível observar Tabatinga ocupando terreno elevado, “numa ponta assaz saliente” (AMAZONAS, 1984, p. 180), “cerca de 30 pés acima da praia” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p. 180), cujo acesso dava-se através de “uma escadaria rústica cavada no barrando” (MARCOY, 2006, p. 56). Em primeiro plano, na parte direta superior da imagem, o que parece ser o quartel do comandante, ao lado esquerdo do qual “está o rio: e ao direito jazem uma igreja, [e] os quartéis dos soldados (...)” (BAENA, 2004, p. 339). Em segundo plano na gravura, duas ou três casas assentadas na borda da floresta, atrás, ligadas à escadaria do barranco por uma pequena trilha limpa no terreno.

Em relação as casas, é frequente a menção dos viajantes a moradia de índios Ticunas e Cambebas no meio da mata, apesar da imagem não representá-las. Castelnau (1851, pg. 45) observa “uma dúzia de cabanas habitadas pelos índios Ticuna”, mas Lister Naw considera que pouco indígenas viviam em Tabatinga “e mesmo aqueles que tinham habitações na povoação residiam frequentemente no mato em suas chacras” (NAW, 1989, p. 158); “hay pocas casas que ver ya que las de los Ticunas todavía están en la selva” atesta Lewis Herdon (1991, p. 239).

Figura 7 – Tabatinga retratada na obra de Spix e Martius em 1820.



Fonte: SPIX, 1990.

As figuras 8 e 9 acompanham os relatos escritos por Paul Marcoy e Francis de Castelnau respectivamente, quando estes estiveram no local na década de 1840. Já a figura 10 é uma fotografia feita por Albert Frisch e reunidas em sua obra publicada em 1869. Mostrando Tabatinga por diferentes ângulo, as imagens podem ser comparadas com certo trecho da descrição feita por Avé-Lallemant mais de dez anos depois, em 1859. Escreve Avé-Lallemant (1980).

Tabatinga mesmo ficava a cerca de 30 pés acima da praia, um *Maimatschim of the far west* vivo. Diante dum pequeno quartel, porém bastante para a guarnição de 36 homens, erguia-se o mastro de bandeira; a sua esquerda, um canhão, fundido em Gênova em 1714; à direita, uma carreta de peça vazia, e, entre ambos, uma sentinela de aspecto bonachão, com o uniforme da inocência, calças e jaquetas brancas. Ao lado ainda, um caravançará (...). Seguia-se uma grande praça verde, onde pastavam 10 a 12 bois na mesma, erguia-se uma

igreja de barro excessivamente pequena, uma casa simples do Comandante, e uma maior, ainda em construção; junto a isso, ainda algumas casas, também de barro, pedindo socorro, rodeando a praça, e uma bonita casa nova, ainda não acabada, no fundo da praça; além dessas, outras, de barro e com telhado de palha, isoladas aqui e ali; e, rodeando tudo, a floresta verde como muralha inexpugnável (LALLEMANT, 1980, p. 180).

Figura 8 – Tabatinga grafada por Paul Marcoy.



Fonte: MARCOY, 2006, p.57

Figura 9 – Tabatinga como vista por Castelnu.



Fonte: CASTELNAU, 1852

Figura 10 – Tabatinga fotografada por Albert Frisch.



Fonte: FRISCH, 1869.

O ângulo das imagens talvez capture a paisagem mais comum de quem chegava à Tabatinga: “a bandeira brasileira estuada no lugar”, revela os domínios brasileiros, era vista antes de se encostar a canoa ou barco no sopé do barranco. Depois, subindo a escadaria rústica, os canhões e a praça, esta

aberta e limpa, satisfazendo o viajante que vinha das vilas peruanas “escondidas na mata” (HERDON, 1991, p. 239 – 240).

### **Considerações finais**

A ocupação portuguesa de Tabatinga, consolidando o domínio lusitano na região frente a presença espanhola, gerou a transformação do espaço local e a formação de uma paisagem que correspondia as necessidades militares, econômicas, políticas e religiosas do momento em que foram erguidas. O Forte São Francisco Xavier de Tabatinga, apesar das condições que se encontrava, ganhava destaque na paisagem, dividindo espaço com a casa da comandância, dos soldados, da igreja, das casas dos indígenas e do armazém de comércio.

A paisagem material de Tabatinga atendeu a imperativos geopolíticos do período colonial bem como os interesses de missionários e religiosos que comungavam com os propósitos do Estado colonial português. Além de qualificar a fronteira enquanto área limite e de defesa do território nacional, Tabatinga também encarnou a fronteira como área de comércio, de intercâmbio entre os domínios coloniais e depois territórios nacionais diferentes.

Ao recuperar a paisagem de Tabatinga no século XIX, então, o trabalho contribui para políticas e iniciativas de identificação, valorização, proteção e preservação dos objetos que constituem a paisagem hodierna da cidade. De fato, resgatar e reconstruir o passado da paisagem da cidade fornece subsídios indispensáveis às políticas que visam a valorização e proteção do patrimônio do município, revelando os vínculos históricos e espaciais da cidade.

### **Referências**

- AGASSIZ, Jean Louis Rodolph. 2000. Viagem ao Brasil 1865-1866. Tradução e notas de Edgar Sussekind de Mendonça. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial.
- AMAZONAS, Lourenço da Silva Araújo e. 1984. Dicionário topográfico, histórico, descritivo do Alto Amazonas. Manaus: GRAFIMA.
- AVÉ-LALLEMANT, Robert. 1980. No rio Amazonas. Trad. Eduardo de Lima Castro. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo.
- BAENA, Antônio Ladislau Monteiro. 2004. Ensaio Corográfico sobre a Província do Pará. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial.
- BASTOS, Aureliano Cândido Tavares. 2000. O vale do Amazonas: a livre navegação do Amazonas, estatística, produção, comércio, questões fiscais do vale do Amazonas. Prefácio de Oscar Tenório. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia.
- BENTO, Claudio Moreira. 2013. Amazônia brasileira: conquista, consolidação e manutenção (História militar terrestre da Amazônia de 1616 a 2003). Porto Alegre. Disponível em: [http://www.ahimtb.org.br/LIVRO\\_AMAZONIA.htm](http://www.ahimtb.org.br/LIVRO_AMAZONIA.htm).
- BESSE, Jean-Marc. 2014. O gosto do mundo: exercícios de paisagem. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- BERQUE, Augustin. 2013. Thinking through landscape. Translated by Anne-Marie Feenberg-Dibon. New York: Routledge.

- CASTELNAU, Francis de. 1851. *Expédition des parties centrales de l'Amérique du sud, rio de Janeiro a Lima, et de Lima au Para*. Paris: Chez P. Bertrand, Libraire-Éditeur.
- COSTA, Graciete Guerra da. 2015. *Fortes Portugueses na Amazônia Brasileira*. Tese – (Pós-doutorado). Universidade de Brasília, Instituto de Relações Internacionais, Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Relações Internacionais, Brasília: UNB.
- COSTA, Hideraldo. 2013. *Cultura, trabalho e luta social na Amazônia: discurso dos viajantes século 19*. Manaus, Editora Valer.
- FERRARINI, Sebatião Antonio. 2013. *Encontro de Civilizações: o Alto Solimões e as origens de Tabatinga*. Editora Valer.
- FRISCH, Albert; LEUZINGER, George. 1869. *Resultat d'une expédition photographique sur le Solimões ou Alto Amazonas et Rio Negro*. Disponível em: <https://ims.com.br/por-dentro-acervos/frisch-e-as-primeiras-impressoes-da-amazonia-many-millen/>
- HERDON, W. M. Lewis; GIBBON, Ladner. 1991. *Exploracion del valle del amazonas*. Tomo I Quito – Ecuador: Abya-Yala.
- MARCOY, Paul. 2006. *Viagem pelo rio Amazonas*. Trad., introd., e notas de Antônio Porro. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas.
- MONNIER, Marcel. *De los Andes hasta Pará: Ecuador – Perú – Amazonas*. Nouvelle édition [en ligne]. Lima: Institut français d'études andines, 2005 (généré le 27 février 2019). Disponible sur Internet: ISBN: 9782821826625. DOI : 10.4000/books.ifea.564.
- MOREIRA NETO, Carlos de Araújo. 1992. *Os principais grupos missionários que atuaram na Amazônia Brasileira entre 1607 e 1759*. In: HOORNAERT, Eduardo (coord.) *História da Igreja na Amazônia*. Petrópolis: Ed. Vozes.
- NAW, Henrique Lister. 1989. *Narrativa da passagem do Pacífico ao Atlântico, através dos Andes nas províncias do norte do Peru, e descendo pelo rio Amazonas, até ao Pará*. Manaus: Associação Comercial do Amazonas: Fundo Editorial.
- ORTON, James. 1870. *Andes and the Amazon; or, across the continent of South America*. New York. Harper & Brothers Publishers.
- SANTOS, Francisco Jorge dos. 2012. *Nos confins ocidentais da Amazônia portuguesa: mando metropolitano e prática do poder régio na Capitania do Rio Negro no século XVIII*. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia do Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Amazonas.
- SANTOS, Milton. 2004. *Metamorfose do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia*. São Paulo: Editora Edusp.
- SPIX, Johann Baptist von. 1981. *Viagem pelo Brasil: 1817-1820*. Prefácio Mário Guimarães Ferri. Trad. Lúcia Furquim Lahmeyer. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo.
- STEIMAN, R. 2002. *A geografia das cidades de fronteira: um estudo de caso de Tabatinga (Brasil) e Letícia (Colômbia)*. 2002. 117 f. Dissertação (Mestrado) – UFRJ, Rio de Janeiro.
- ZARATE BÓTIA, Carlos Gilberto. 2008. *Silvícolas, sirringueros y agentes estatales: el surgimiento de una sociedad transfronteriza em la Amazonia de Brasil, Perú y Colombia, 1880-1932*. Letícia: Universidad Nacional de Colombia. Instituto amazonico de Investigaciones (IMANI).